

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA – ILEEL
CURSO DE TRADUÇÃO

LORENA VASQUEZ PEREIRA

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES E RETRADUÇÕES PARA O
PORTUGUÊS DE *PSICOSE*, DE ROBERT BLOCH



Uberlândia/MG
2019

LORENA VASQUEZ PEREIRA

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES E RETRADUÇÕES PARA O
PORTUGUÊS DE *PSICOSE*, DE ROBERT BLOCH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Monografia do Curso de Tradução da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Padilha Pacheco da Costa

Uberlândia/MG
2019

LORENA VASQUEZ PEREIRA

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES E RETRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS DE *PSICOSE*, DE ROBERT BLOCH

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Banca de Avaliação:

Orientador: Prof. Dr. Daniel Padilha Pacheco da Costa (UFU)

Examinadora: Prof.^a Dr.^a Cynthia Beatrice Costa

Examinador: Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares

Uberlândia, 10 de julho de 2019

Dedico este trabalho

Aos meus familiares, nas pessoas da minha mãe, meu pai, meu irmão Vinícius, minha avó Orlandina, meu tio Ricardo, minha tia Lisemaura, minha prima Natália, meu primo Filipe, minha madrinha Rejane e padrinho Walter, meus primos Lucas, Leonardo e Luiz Fernando que são o alicerce da minha vida, e que sempre permaneceram comigo nos momentos em que eu mais precisei.

Aos meus amigos do Maanaim e do Curso de Tradução e a todos os outros amigos que sempre estiveram presentes, rezando e intercedendo por minha vida e da minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores e funcionários do Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia pelo apoio, aprendizado e oportunidades que me foram concedidas que deram origem a este trabalho.

Agradeço também ao Prof. Dr. Daniel Padilha Pacheco da Costa pela excelente orientação, ajuda, supervisão, paciência, disposição e colaboração neste trabalho, sem os quais tal empreendimento não poderia vir a lume e ainda por ser um exemplo de pessoa e profissional.

Também não poderia deixar de agradecer aos meus pais Alcione e Cleber, irmão Vinícius, avó Orlandina, tio Ricardo, tia Lisemaura, madrinha Rejane, padrinho Walter, primos Filipe, Lucas, Leonardo, Luiz Fernando e prima Natália, que tanto me auxiliaram e me deram força para enfrentar os desafios de cada dia.

Agradeço a todos os meus amigos, que me ajudaram em diversos momentos, desde o início do curso até esse momento, e também a Deus pelo dom da vida e da inteligência, sem os quais este trabalho não seria possível.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

José Saramago

RESUMO

O propósito deste trabalho é apresentar uma análise comparativa das três traduções de *Psicose* (1959), de Robert Bloch, para o português brasileiro por Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos (s.d., Record), Olívia Krähenbühl (1961, Best Seller) e Anabela Paiva (2013, Darkside Books). Pretende-se analisar as tendências deformadoras dessas traduções, bem como sua interdependência, segundo a distinção de Antoine Berman (2012) entre tradução primeira e retradução. É dado particular destaque ao tradutor Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos (1938-2008), responsável por mais de mil traduções durante a sua vida profissional, cuja tradução de *Psicose* permaneceu marginalizada em relação às demais traduções, tanto do ponto de vista da história de suas (re)traduções, quanto do ponto de vista do interesse por parte dos críticos da tradução.

Palavras-chave: Literatura de horror, tradução literária, Tendências deformadoras.

ABSTRACT

The purpose of this work is to present a comparative analysis of the translations Robert Bloch's *Psycho* to the Brazilian Portuguese by Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos (s.d., Record), by Olívia Krähenbühl (1961, Best Seller), and Anabela Paiva (2013, Darkside Books). We intend to analyse the deforming tendencies of these translations, as well as their interdependence, according to Antoine Berman's (2012) distinction between first translation and retranslation. We give special attention to the translator Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos (1938-2008), responsible for more than a thousand translations during his professional life, whose translation of *Psycho* remained marginalized in relation to the other translations, both from the point of view of the history of their (re) translations, and from the point of view of the interest of translation critics.

Keywords: Horror literature, literary translation, Deforming tendencies.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
1.1.	DO AUTOR E DA OBRA <i>PSICOSE</i>	12
1.2.	DAS TRADUÇÕES DE <i>PSICOSE</i>	13
1.3.	DOS TRADUTORES: OLÍVIA KRÄHENBÜHL, A. B. PINHEIRO DE LEMOS E ANABELA PAIVA	17
2.	BERMAN E A TRADUÇÃO LITERAL	20
2.1.	TENDÊNCIAS DEFORMADORAS	21
2.2.	TRADUÇÃO PRIMEIRA E RETRADUÇÃO	25
3.	ANÁLISE COMPARATIVA DAS TENDÊNCIAS DEFORMADORAS DAS TRÊS TRADUÇÕES DE <i>PSICOSE</i>	27
3.1.	ANÁLISE DAS DEFORMAÇÕES	27
3.2.	ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICE 1	46
	APÊNDICE 2	51

FIGURAS E TABELAS

FIGURAS

FIGURA 1 – Capa da primeira edição de <i>Psycho</i> de 1959	13
FIGURA 2 – Capa da tradução de Olívia Krähenbuhl de 1964	14
FIGURA 3 – Capa da tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	15
FIGURA 4 – Capa da tradução de Anabela Paiva de 2013	15
FIGURA 5 – Assinaturas dos tradutores A. B. Pinheiro de Lemos e Pinheiro de Lemos	18

TABELAS

TABELA 1 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	27
TABELA 2 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	28
TABELA 3 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	29
TABELA 4 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	30
TABELA 5 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	31
TABELA 6 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	31
TABELA 7 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	33
TABELA 8 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	34
TABELA 9 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	35
TABELA 10 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	35
TABELA 11 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	37
TABELA 12 – trechos de <i>Psicose</i> , de Robert Bloch e suas traduções	37

1. INTRODUÇÃO

Na literatura brasileira, a literatura de horror, terror e gótica tem como referências escritores como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Fagundes Varela. Esses escritores pertencem à segunda geração do movimento romântico, também conhecida como *Mal do Século*; os textos dessa época são inspirados pela poética de Lord Byron, Johann Wolfgang von Goethe, François-René de Chateaubriand e Alfred de Musset, e são caracterizados pelos sentimentos de individualismo, egocentrismo, negativismo, dúvida, desilusão, tédio e sentimentos relacionados à fuga da realidade. Esse movimento, com origem na literatura Alemã do século XVIII, quando Goethe publicou *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), desenvolveu-se até a literatura de horror que conhecemos hoje.

Nos Estados Unidos da América, uma das grandes referências desta literatura é Howard Phillips Lovecraft, que revolucionou a literatura de terror ao atribuir elementos fantásticos aos gêneros de fantasia e ficção científica, com a publicação de muitos contos, como *O chamado de Cthulhu* (1928); discípulo de H. P. Lovecraft, Robert Bloch teve grande sucesso com esse gênero literário, contribuindo para que a literatura de terror se difundisse no mundo. Esta pesquisa analisa traduções que marcaram o cenário da literatura de horror no Brasil, analisando as traduções para o português da mais importante obra de Robert Bloch – *Psycho* (Psicose).

Esta obra ganhou grande notoriedade com a criação de filmes e seriados nele baseados. A adaptação de *Psycho* pelo diretor Alfred Hitchcock em 1960 tornou-se um dos grandes filmes de horror da atualidade. Em 1998 o filme de Hitchcock teve um *remake*, com a direção de Gus Van Sant. Mais recentemente, foi criado um seriado de televisão distribuído pela *NBC Universal Television*, chamado *Bates Motel*, que conta a história do relacionamento de Norman Bates e sua mãe antes dos acontecimentos relatados por Bloch em *Psycho*. Esse seriado foi muito bem recebido pela crítica e foi indicado a vários prêmios cinematográficos, alcançando muitos telespectadores pelo mundo em suas cinco temporadas.

Assim, o livro de Bloch possui importância não apenas para a literatura de terror, mas também para difusão do gênero para o cinema e televisão, meios de comunicação que alcançam muitas pessoas em todo o mundo. Esta pesquisa

pretende, por um lado, realizar uma análise, a partir do texto de partida, de cada uma das três traduções e retraduações de *Psycho*, de Robert Bloch, para o português, segundo a analítica das deformações, de Antoine Berman (2012); e, por outro lado, comparar essas três traduções entre si, com vistas a determinar a interdependência ou não entre cada uma delas, tendo em vista as influências e as relações que estabelecem entre si.

1.1. DO AUTOR E DA OBRA *PSICOSE*

Robert Albert Bloch (1917-1994) nasceu em Chicago, Illinois (EUA) e foi autor de mais de 30 romances. Howard Phillips Lovecraft foi o grande mentor de Robert Bloch, que participou do círculo restrito de H.P. Lovecraft e, com apenas dezenove anos, vendeu o seu primeiro conto *The Feast In The Abbey* à revista *Weird Tales*. Bloch foi um conceituado escritor norte americano que ficou conhecido por *Psycho* (1959). Esse romance de horror é inteiramente inspirado em um *fait divers* sobre a vida do *serial killer* Edward Theodore Gein (1906-1984), nascido em La Crosse County (Wisconsin), no norte dos Estados Unidos (LANGE; MENON, 2018).

O romance é dividido em duas partes: a primeira foca na personagem de Mary Crane e a segunda na personagem de Norman Bates. Na primeira parte da história, a secretária Mary Crane rouba 40 mil dólares da imobiliária onde trabalhava na esperança de se casar com Sam Loomis, dono de uma loja de ferragens em Fairvale. Ela troca seu carro por outro, e este também é trocado várias vezes na tentativa de não deixar rastros para a polícia a respeito de seu paradeiro após o roubo, e se dirige para a cidade de Sam. Mas em uma noite chuvosa, erra a entrada para a nova estrada construída para Fairvale e acaba por se hospedar no Bates Motel.

A segunda parte conta a história de Norman Bates, de quarenta anos, que vive e administra aquele motel, situado à beira de uma estrada quase deserta a aproximadamente 20 milhas de Fairvale. Norman convida Mary para jantar em sua casa e conta um pouco da sua vida e de seu relacionamento, um pouco estranho, com a mãe. A secretária insinua que, às vezes, seria melhor se ele internasse a mãe em uma instituição; Norman fica bravo com esse comentário e a secretária resolve se despedir e ir para o quarto dormir. A secretária acha estranho que Norman more

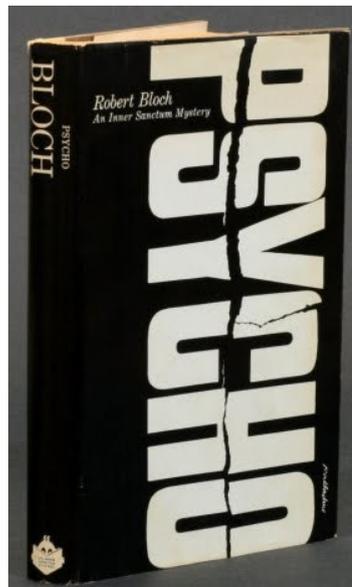
sozinho com sua mãe no motel, e a senhora Norma Bates acaba assassinando Mary no chuveiro naquela noite, em uma cena imortalizada pelo filme homônimo de Alfred Hitchcock.

O desaparecimento de Mary leva o investigador particular Milton Arbogast, que estava a procura da secretária e dos 40 mil dólares por ela roubados, a entrar em contato com Norman Bates e com a sua mãe no Bates Motel, sendo assassinado com uma navalha pela Senhora Bates. A irmã de Mary, Lila, entra em contato com Sam e eles procuram as autoridades policiais. A partir desse momento, a história se desenrola até a descoberta de que Norman Bates, travestido de Senhora Bates, foi o responsável pelas mortes de Mary e Milton.

1.2. DAS TRADUÇÕES DE *PSICOSE*

Um ano depois da publicação de *Psycho*, o livro foi adaptado, em 1960, para o cinema por Alfred Hitchcock. Com o grande sucesso do filme de Alfred Hitchcock em 1960, baseado na obra de Bloch (1959), não tardou para que *Psycho* fosse traduzido para o português.

Figura 1 – Capa da primeira edição de *Psycho* de 1959



Fonte: Página da internet – *The Manhattan Rare Book Company*¹

¹ Disponível em: <<https://www.manhattanrarebooks.com/pages/books/37/robert-bloch/psycho>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

A Editora Best Seller lançou uma versão de *Psicose* (1961) traduzida por Olívia Krähenbuhl, com 139 páginas, que foi composta e impressa pela Gráfica da “Revista dos Tribunais” em 1961. A edição de 1961 possui capa dura não ilustrada com a inscrição “Psicose” e “Bloch” na sua lombada. Essa edição recebeu sua segunda edição em 1964, já em capa mole ilustrada e colorida, com o nome do livro em evidência e do autor logo abaixo, sobre a imagem do rosto de uma mulher assustada, e com a inscrição: “Não leia à noite este livro, mormente se estiver só...” (BLOCH, 1964).

Figura 2 – Capa da tradução de Olívia Krähenbuhl de 1964

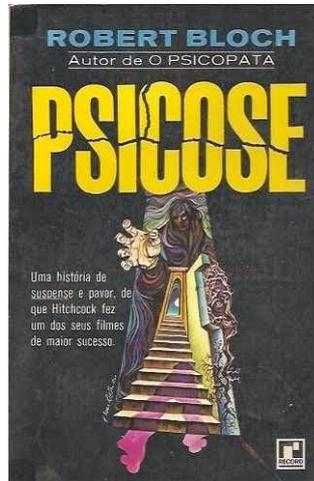


Fonte: Página da internet – *Sooda Blog*²

Curiosamente, a tradução em português de *Psicose* (s.d.), lançada pela Editora Record e traduzida por Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos, não apresenta data de edição. Essa edição, de 152 páginas, foi impressa em capa mole com uma ilustração colorida de um homem com características femininas ao final de um corredor de escadas com a mão em estendida, como se fosse pegar algo fora do papel; possui o nome do autor, mas não o do tradutor, além disso, uma inscrição que se refere ao famoso filme de Hitchcock. A. B. Pinheiro de Lemos foi o responsável por outras traduções de livros de Robert Bloch para o português, como *Uma tragédia americana* (1974).

² Disponível em: <<https://sobreosolhosdaalma.blogspot.com/2015/10/resenha-psicose-robert-bloch.html>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

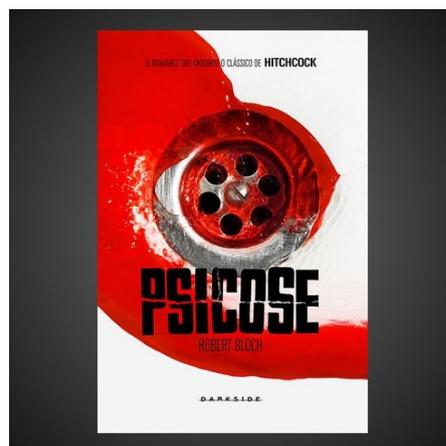
Figura 3 – Capa da tradução de A. B. Pinheiro de Lemos



Fonte: Página da internet – *Livros e Opinião*³

Mais recentemente, foi lançada pela Editora Darkside uma retradução de *Psicose* (2013), traduzida por Anabela Paiva. A edição limitada de colecionador, com 237 páginas, é em capa dura e possui apenas o nome do livro, do autor e da editora na capa. A edição clássica é em capa mole ilustrada com a imagem de um dreno de banheiro cheio de sangue e água, com o nome do livro, autor e editora, além de informar que o romance que inspirou o filme de Hitchcock; possui, além disso, várias ilustrações e fotos do filme *Psycho*.

Figura 4 – Capa da tradução de Anabela Paiva de 2013



Fonte: Página da internet – *Darkside Books*⁴

³ Disponível em: <<https://www.livroseopiniao.com.br/2014/12/10-livros-de-terror-e-suspense-baseados.html>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

Vale ainda salientar que, em 2015, a editora lançou a publicação do livro em formato digital (*ebook*) no domínio da Amazon; o *ebook* pode ser lido no aplicativo da *Amazon Kindle* e em aparelhos específicos vendidos pela loja da *Amazon*; a vantagem do livro virtual é que pode ser acessado em qualquer momento e lugar através de celulares e computadores, por exemplo; além disso, esse formato possui um recurso de “realces” – em inglês “*highlights*” –, em que são disponibilizados os trechos do livro que mais foram marcados por seus leitores, estes trechos, que costumam ser aqueles que “manifestam” a essência do livro e de seus personagens, receberam particular destaque na análise das traduções para o português empreendida nesta pesquisa.

O artigo de Carla Helena Lange e Mirian Ruffini (2018), publicado pela Revista Letras Raras *Psicose: história e análise descritivista de duas traduções para o português brasileiro* analisa duas das traduções para o português brasileiro de *Psicose* de Robert Bloch (1959), deixando de analisar a tradução de Alfredo Barcello Pinheiro de Lemos. As autoras alegam que a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos seria datada do ano de 1959, mas não justificam essa data de publicação em seu trabalho:

Em vista disso, o romance *Psicose* chegou ao Brasil pela primeira vez ainda em 1959, por meio da Editora Record, com a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Contudo, essa edição está esgotada há anos parece ter ficado esquecida, pois não se encontra referência à publicação em nenhum trabalho, artigo ou matéria jornalística. Não obstante a isso, pouco tempo depois, em 1961, surgiu a segunda edição e tradução brasileira de *Psicose*, desta vez pela editora Best Seller, com tradução realizada por Olívia Krähenbuhl (LANGE; RUFFINI, 2018. p. 22).

Neste trabalho de monografia, não dispensaremos a análise da tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, uma vez que pretendemos determinar a relação entre a três traduções de *Psicose* para o português (considerando que uma delas não tem data de publicação), segundo a distinção de Berman (2012) entre tradução primeira e retradução. Por isso, realizaremos uma análise interna (das três traduções) e externa (das informações disponíveis nos bancos de dados e da própria entrevista com os filhos de A. B. Pinheiro de Lemos), para discutir a hipótese de que a

⁴ Disponível em: <<https://www.darksidebooks.com.br/psicose/p>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

tradução da editora Record é uma retradução realizada por volta do início dos anos de 1970, que confronta a declaração já existente do artigo supracitado de que essa tradução dataria de 1959.

1.3. DOS TRADUTORES: OLÍVIA KRÄHENBÜHL , A. B. PINHEIRO DE LEMOS E ANABELA PAIVA

A tradutora Olívia Krähenbühl (1900-1973), de acordo com o artigo de Carla Helena Lange e Mirian Ruffini (2018), publicado pela Revista Letras Raras “*Psicose: história e análise descritivista de duas traduções para o português brasileiro*”, foi uma renomada crítica e tradutora brasileira que, além de traduzir *Psicose*, de Robert Bloch para a editora *Best Seller* (com edições em 1961 e 1964), trabalhou com a tradução de poesias de Emily Dickson em 1956, e outras obras de autores renomados, como Dostoiévsky e Henry James. Em seu trabalho, Carla Helena Lange e Mirian Ruffini citam um artigo de Olívia Krähenbühl, de 3 de setembro de 1944, intitulado “Duplo aspecto da tradução” do jornal *Correio da manhã*. Nesse artigo, a tradutora fala sobre a tradução literária e da importância do tradutor também saber escrever bem na língua para que traduz.

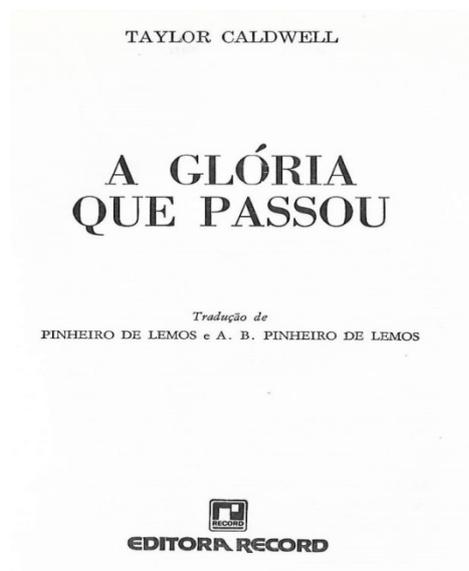
Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos (1938-2008), de acordo com o livro de Ivone C. Benedetti e Adail Sobral (2002), *Conversa com Tradutores: balanços e perspectivas da tradução*, foi um grande tradutor brasileiro, que trabalhou com obras de renome e traduziu mais de mil livros durante a sua carreira como tradutor. Formou-se Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (1960); durante os anos 1955 a 1963 trabalhou como repórter e redator para os jornais “O Globo”, “Diário de notícias”, “Tribuna da Imprensa” e “Jornal do Brasil”; posteriormente, atuou como publicitário, de 1964 a 1972, para as agências Standart, Denison, Norton e BCA, sua própria agência. Por isso, seus trabalhos como tradutor, do inglês, francês e espanhol para o português, só se iniciaram a partir do ano de 1972.

Diante de um tradutor de obras tão importantes e poucas informações a respeito da vida de A. B. Pinheiro de Lemos e de suas traduções, como a própria data de publicação do livro *Psicose*, de Robert Bloch, foi realizada uma pesquisa sobre o tradutor para ver se era possível encontrar mais dados sobre o mesmo e

suas obras, em especial o livro de Bloch objeto desse trabalho; após uma investigação exaustiva, foi possível obter o contato de um dos filhos do tradutor, pela feliz coincidência de assinarem o mesmo nome, no caso Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos Filho. Com a confirmação de que era o filho do importante tradutor A. B. Pinheiro de Lemos, já falecido, ele, juntamente com seus irmãos Marcos Pinheiro de Lemos e Monica Pinheiro de Lemos, aceitou a participar de uma entrevista, realizada por escrito, a respeito da vida e obra de seu pai (ver a íntegra da entrevista no apêndice desse trabalho).

Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos, de acordo com a entrevista supracitada, era filho do tradutor e jornalista José Alfredo Pinheiro de Lemos, que assinava Pinheiro de Lemos, formado em direito e magistrado no interior da Bahia, que desistiu da carreira jurídica e mudou-se para o Rio de Janeiro para exercer a profissão de jornalista até a sua aposentadoria no final da década de 1960; a partir desse momento, passou a exercer a atividade profissional de tradutor até o seu falecimento em 1978. O pai de A. B. Pinheiro de Lemos foi uma das suas grandes influências para o seu trabalho com tradução literária. Os dois, inclusive, traduziram algumas obras em conjunto, como “A Glória que Passou” (s.d.), de Taylor Caldwell pela editora Record.

Figura 5 – Assinaturas dos tradutores A. B. Pinheiro de Lemos e Pinheiro de Lemos



Fonte: Foto anexa à entrevista em apêndice.

Segundo a pesquisa realizada em bases de dados sobre obras assinadas por A. B. Pinheiro de Lemos, ele já trabalhava como tradutor no início dos anos de 1970. As suas traduções mais antigas são *Love story: Uma história de amor*, de Erich Segal, publicada pela editora Abril em 1970, *O dia do chacal*, de Frederick Forsyth, publicado pela Record em 1971, *Os Capitães e os Reis: a História de uma dinastia americana*, de Taylor Caldwell, publicada pela Record em 1972, *O Candidato*, de Knebel Fletcher, publicado em 1972 pela Record. Na entrevista realizada e incluída no apêndice deste trabalho, o filho de Pinheiro de Lemos sugere que *Psicose* de Robert Bloch tenha sido traduzido pelo pai do tradutor:

De tal sorte, que, efetivamente *Desespero*, de Nabokov e provavelmente *Psicose*, de Robert Bloch (final dos anos 50) foram traduzidos pelo meu avô, que assinava Pinheiro de Lemos, quase sempre editadas pela Editora Record do Alfredo Machado (informação verbal).

No entanto, a tradução de *Psicose* leva a assinatura de “A. B. Pinheiro de Lemos”, não de “Pinheiro de Lemos”. O mesmo não ocorre com *Desespero*, de Vladimir Nabokov, cuja tradução é assinada por “Pinheiro de Lemos” (1966, Record). O tradutor A. B. Pinheiro de Lemos aprendeu sozinho as línguas estrangeiras da qual traduzia e dizia que, para realizar um bom trabalho, era necessário um vasto conhecimento da língua portuguesa; além disso, ele começou a traduzir pela editora Record e Abril. O encargo para a tradução do livro *Psicose* foi provavelmente uma iniciativa da editora e não iniciativa individual. Posteriormente, ele também trabalhou para outras editoras, como a Nova Fronteira e Rocco, assinando apenas Alfredo Barcellos.

A tradutora Olívia Krähenbühl (1900-1973), de acordo com o artigo de Carla Helena Lange e Mirian Ruffini (2018), publicado pela Revista Letras Raras “*Psicose: história e análise descritivista de duas traduções para o português brasileiro*”, foi uma renomada crítica e tradutora brasileira que, além de traduzir *Psicose*, de Robert Bloch para a editora *Best Seller* (com edições em 1961 e 1964), trabalhou com a tradução de poesias de Emily Dickson em 1956, e outras obras de autores renomados, como Dostoiévsky e Henry James. Em seu trabalho, Carla Helena Lange e Mirian Ruffini citam um artigo de Olívia Krähenbühl, de 3 de setembro de 1944, intitulado “Duplo aspecto da tradução” do jornal *Correio da manhã*. Nesse

artigo, a tradutora fala sobre a tradução literária e da importância do tradutor também saber escrever bem na língua para que traduz.

Por último, a jornalista e tradutora Anabela Paiva, em entrevista incluída (em apêndice) no artigo supracitado de Carla Helena Lange e Mirian Ruffini, conta que viveu nos Estados Unidos da América durante os anos de 1989 a 1992 e trabalhou como correspondente para a revista *Veja* e *Jornal do Brasil*. A tradutora possui apenas um trabalho de tradução, que é precisamente objeto de análise desse trabalho: a tradução de *Psicose* para a editora *Darkside*. Para realizar esse trabalho, ela teve contato somente com a edição da editora *Best Seller* de tradução de Olívia Krähenbühl.

2. BERMAN E A TRADUÇÃO LITERAL

Em *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo* (2012), Antoine Berman afirma que existe um mal entendido, entre tradutores, a respeito da tradução literal e da tradução palavra por palavra, que são frequentemente consideradas sinônimos. O referido autor discorda dessa identificação entre a tradução literal e a tradução palavra por palavra,⁵ existindo nessa assunção uma confusão entre a “letra” e a “palavra”. Para Antoine Berman, traduzir a letra de um texto não significa traduzir palavra por palavra, mas são duas modalidades completamente distintas: enquanto essa é desvalorizada pelo teórico francês, aquela é particularmente valorizada.

Berman reforça essa distinção entre a tradução literal e a tradução palavra por palavra por meio do exemplo da tradução de provérbios. Para ele, ao se traduzir, literalmente, um provérbio deve-se procurar o seu equivalente, ou seja, a formulação da mesma sabedoria de forma diferente, além de observar o ritmo, comprimento, eventuais aliterações etc. do provérbio.

[...] O caso dos provérbios pode parecer insignificante, mas é altamente simbólico. Ele revela toda a problemática da equivalência. Pois procurar equivalentes, não significa apenas estabelecer um sentido invariante, uma idealidade que se expressaria nos diferentes provérbios de língua a língua. Significa recusar introduzir na língua

⁵ Este tipo de tradução palavra por palavra é denominada pelos espanhóis como tradução servil.

para qual se traduz a *estranheza* do provérbio original [...] (BERMAN, 2012, p. 21).

Mais adiante, Antoine Berman estabelece um paralelo entre a tradução literal e a retradução. Para ele, a tradução literal é obrigatoriamente uma retradução e vice-versa, pois elas são sinais de uma relação amadurecida com a língua materna, aqui entendida como uma aceitação e busca de “comoção” da língua estrangeira. Diante dessa relação entre tradução literal e retradução, descrita por Berman, pretende-se, portanto, tentar identificar quais das traduções de *Psicose*, objetos de análise deste trabalho, são retraduições e qual é a tradução primeira, haja vista que não é possível determinar sobre as duas primeiras traduções da obra qual é anterior a qual.

2.1. TENDÊNCIAS DEFORMADORAS

Antoine Berman, teórico que será extensamente trabalhado nesta monografia, em seu livro *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo* (2012), diz que a tradução é experiência, e que ela se comporta de maneiras diferentes em cada caso, uma vez que está condicionada a um pensar tradutório:

Assim é a tradução: experiência. Experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência. Em outras palavras, no ato de traduzir está presente um certo *saber*, um saber *sui generis*. A tradução não é nem sublitteratura (como acreditava-se no século XIX). Também não é uma lingüística ou uma poética aplicadas (como acredita-se no século XX). A tradução é sujeito e objeto de um saber próprio (BERMAN, 2012, p. 23).

Berman elenca treze deformações nos textos traduzidos: a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento qualitativo, o empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, a destruição (ou a exotização) das redes de linguagem vernaculares, a destruição das locuções e idiotismos, o apagamento das superposições de línguas.

A racionalização é uma tendência em que o tradutor reestrutura as frases e sequências de um texto com a finalidade de deixá-las em uma ordem que faça mais sentido na língua para que está traduzindo. O tradutor, portanto, tende a reorganizar as sentenças, mudar a pontuação, escolher palavras mais gerais, entre outras coisas; em nome de uma ordem, assim como diz o nome, mais racional.

[...] A racionalização faz passar o original do concreto ao abstrato, não somente ao reordenar linearmente a estrutura sintática, mas, por exemplo, ao traduzir os verbos por substantivos, escolhendo entre dois substantivos o mais geral etc. [...] (BERMAN, 2012, p. 69).

A clarificação, como resultado da racionalização, busca tornar mais “claro” um texto; muitas vezes o texto original não acarreta dúvidas quanto ao sentido, mas quando esse texto é traduzido, esse sentido pode ser comprometido, por isso o tradutor, através da racionalização, tende a tornar o texto mais claro, definindo o que não era definido no original e o deforma.

Em decorrência da racionalização e da clarificação, pode existir um alongamento do texto. A tendência deformadora classificada por Berman como alongamento pode, além de denotar que há no texto um significado vazio, coexistir com outras formas deformadoras que empobrecem quantitativamente a tradução.

A reescritura do texto, à custa do original, para que a tradução fique (formalmente) mais bela, é vista como um “exercício de estilo” e descrita como enobrecimento. Em contrapartida e complementando o enobrecimento, Berman apresenta a vulgarização, como a tradução que “vulgariza” o texto com, por exemplo, o uso de gírias e linguagem da fala popular.

Berman descreve, também, o empobrecimento qualitativo e o empobrecimento quantitativo; o primeiro diz respeito às deformações na tradução em que termos e expressões icônicas, que produzem uma consciência de semelhança com o seu referente, do original são substituídos na tradução por termos que não possuem a mesma riqueza significante; e o segundo está relacionado a um desperdício lexical, ou seja, a tradução apresenta, quantitativamente, menos significantes que o original; essa última deformação, contudo, pode coexistir com outra deformação, o alongamento, em que há um

aumento da massa bruta do texto, que serve como uma tentativa de mascarar esse desperdício lexical.

A homogeneização, como o próprio nome infere, é a deformação em que o tradutor tende a deixar um texto que é originalmente heterogêneo, diverso e desordenado homogêneo; essa é uma deformação resultante das anteriores, em que o tradutor deforma o texto em uma tentativa de unificação e ordenação do que intrinsecamente não é homogêneo.

A destruição dos ritmos na tradução em prosa é mais difícil de ocorrer comparada à em verso, pois mesmo que mal traduzido o texto, muitas vezes pode ele entreter o leitor. Contudo, essa deformação pode ocorrer quando se altera a pontuação na tradução, modificando, assim, a rítmica do texto.

Outra deformação apresentada por Berman é a destruição das redes significantes subjacentes, que consiste em uma tradução em que os elementos “subjacentes” do texto original não lhe são incorporados. Esses elementos formam uma rede de significados que estão na “superfície” do texto, ou seja, existem termos que possuem uma importância para o original, seja ele um romance ou um texto manifesto e que juntos de outros semelhantes formam uma rede de significados que vai além do texto original, um subtexto, e quando uma tradução não abrange esses termos a rede de significantes é destruída.

A destruição dos sistematismos textuais ocorre em decorrência das outras deformações, na medida em que a tradução não apresenta o tipo de frases, construções textuais e características de escrita do original. O processo de racionalização, clarificação e alongamento incorporam, também, elementos que não fazem parte do original em uma tentativa de tornar o texto mais homogêneo e disfarçar, por exemplo, o empobrecimento quantitativo.

A destruição (ou a exotização) das redes de linguagem vernaculares é uma deformação em que há o apagamento dos vernaculares nas traduções e pode acontecer de várias formas, como a supressão de termos típicos da língua do original, o uso de diminutivos e a substituição dos verbos ativos por verbos com substantivos. As marcas de exotização podem ser apresentadas na tradução através do uso de procedimentos tipográficos (itálicos) e ao se sublinhar os termos

vernaculares, além disso, essa destruição pode ocorrer concomitantemente com a vulgarização quando o vernáculo do original é traduzido por um termo do vernáculo do local da tradução.

A destruição das locuções e idiomatismos ocorre quando o tradutor tenta encontrar locuções e idiomatismos equivalentes ao original na linguagem que está traduzindo. Além disso, esses equivalentes não podem substituir os originais em plenitude, pois, os provérbios, modos de dizer e locuções de uma língua, por exemplo, carregam consigo sentidos e experiências típicas do vernáculo original.

E, por último, o apagamento das superposições de línguas é a deformação em que a tradução não consegue demonstrar a superposição de línguas, declaradas ou não, características do texto original. Podem coexistir no texto dialetos e coínés, como exemplo literaturas latino americanas que possuem termos que congruem o dialeto local e a língua do colonizador; que são apagados na tradução.

Antoine Berman apresenta uma analítica da tradução por meio de uma sistemática da deformação. Essa analítica, segundo Berman, possui duplo sentido, o primeiro, de sentido cartesiano da palavra, centrado no sistema das deformações e o segundo no sentido psicanalítico, pois o sistema é em grande parte inconsciente, que apresenta muitas tendências, e, ainda, diz que existem “forças” que desviam a tradução de seu objetivo verdadeiro.

[...] Mas na realidade, todo tradutor está exposto a esse jogo de forças. Mais que isso: elas fazem parte do seu ser-tradutor e determinam, *a priori*, seu desejo de traduzir. É ilusório pensar que poderia se desfazer dessas forças tomando simplesmente consciência delas [...] (BERMAN, 2012, p. 63).

A analítica proposta por Berman parte da localização das tendências deformadoras da tradução que objetivam, a partir de um todo sistemático, a destruição da letra dos originais em nome do “sentido” e da “bela forma”. A identificação e categorização das deformações apontadas por Berman, nos textos traduzidos também contribuirá para que uma análise da forma e estilo de cada tradução do livro, e quais são as consequências para o produto final do trabalho tradutório:

Esta analítica parte da localização de algumas tendências deformadoras, que formam um todo sistemático, cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do “sentido” e da “bela forma”. Partindo do pressuposto de que a essência da prosa é simultaneamente a rejeição dessa “bela forma” e, em especial por meio da autonomização da sintaxe (o que Lanson critica em Montaigne), a rejeição do sentido (pois a arborescência indefinida da sintaxe na grande prosa cobre, *mascara*, literalmente, o sentido), mediremos melhor o que essas tendências têm de funesto (BERMAN, 2012, p. 67).

As tendências deformadoras de Berman serão parâmetro para a análise de trechos das três traduções de *Psicose* de Robert Bloch. Pretende-se compreender quais dessas deformações são as que mais se repetem nas traduções para o português de *Psycho*, se esse elas se comportam da mesma forma e constância em todas as traduções, e quais as consequências dessa regularidade, se houver, para a interdependência dessas traduções. A comparação entre as traduções do romance de terror *Psicose* com o próprio original em inglês permite demonstrar as escolhas que o tradutor realizou, bem como seu impacto na construção de um texto em língua portuguesa, tendo em vista as escolhas relativas à forma e ao conteúdo, por um lado, e à aproximação com as culturas de partida e de chegada, por outro.

2.2. TRADUÇÃO PRIMEIRA E RETRADUÇÃO

Segundo Antoine Berman, o tradutor, ao realizar o seu trabalho, em uma situação em que já existe uma tradução, não está de frente ao texto original apenas, mas também a uma tradução, que pode até mesmo ocupar a posição do original. Assim, o teórico francês propõe a seguinte distinção entre a tradução primeira e a retradução:

Há de se notar agora que esta tradução é uma *retradução*. É essencial distinguir dois espaços (e dois tempos) de tradução: o das *primeiras traduções* e o das *retraduções*. A distinção entre estas duas categorias de tradução é um dos momentos de base de uma reflexão sobre a *temporalidade do traduzir* [...]. Aquele que retraduz não está mais frente a *um* só texto, o original, mas a *dois*, ou mais [...].

A retradução serve como original e contra as traduções existentes. E pode-se observar que é neste espaço que geralmente a tradução produz suas obras-primas. Tudo acontece como se a secundaridade

do traduzir se desdobrasse com a retradução, a “segunda tradução” (de certa forma, nunca há uma terceira, mas outras “segundas”). Quero dizer com isso que a grande tradução é *duplamente segunda*: em relação ao original, em relação à primeira tradução (BERMAN, 2012, p. 137).

Ao analisar as traduções e observar as decisões tomadas pelo tradutor e suas consequências, que Berman identifica como deformações, pretende-se, também, discutir a questão da interdependência entre os textos traduzidos, e se é possível constatar qual seria a tradução primeira e quais são as retraduições, com base na distinção proposta pelo mesmo teórico entre “tradução primeira” e “retradução”. Essa tentativa de determinar a interdependência das traduções entre si visa estabelecer a eventual influência e relação de seus referidos tradutores uns sobre os outros.

Ao fazer uma coleta bibliográfica das traduções de *Psycho*, foi possível observar que a tradução de Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos não contém a data de sua primeira edição; por isso, não é possível saber a ordem cronológica com segurança entre as duas primeiras traduções de *Psicose*. Isto é, como não se pode afirmar exatamente qual foi a primeira tradução, então a distinção entre tradução primeira e retradução fica ela mesma comprometida nesse caso. Neste trabalho, procura-se estabelecer uma hipótese a respeito da data aproximada de publicação dessas traduções.

3. ANÁLISE COMPARATIVA DAS TENDÊNCIAS DEFORMADORAS DAS TRÊS TRADUÇÕES DE *PSICOSE*

Neste capítulo, serão analisados alguns trechos das traduções de A. B. Pinheiro de Lemos, Olivia Krähenbuhl e Anabela Paiva do romance de horror *Psycho*, de Robert Bloch. Primeiramente, serão identificadas as tendências deformadoras apontadas por Antoine Berman (2012); em seguida, essas traduções são comparadas entre si, levando em consideração a distinção do mesmo autor entre a tradução primeira e retradução.

Para isso, foram escolhidos 12 trechos de *Psycho* – grande parte desses trechos pertence à lista de *highlights* ou realces do *ebook* original em inglês da editora The Murder Room, publicado em formato de livro digital em 2014, e do *ebook* da tradução da editora *Dark Side*, publicada em 2015. Esses realces ou *highlights* são os trechos que mais receberam marcações pelos leitores dos respectivos *ebooks*, e são, na sua maioria, trechos que definem a obra como um todo, suas personagens ou cenas mais marcantes. Outros trechos foram, ainda, adicionados a essa lista por possuírem deformações importantes para a análise.

3.1. ANÁLISE DAS DEFORMAÇÕES

Os trechos a serem analisados estão dispostos em tabelas, que contêm o original em inglês da tradução em *ebook* da editora The Murder Room e as respectivas traduções de A. B. Pinheiro de Lemos da editora Record, de Olivia Krähenbuhl da editora Best Seller e de Anabela Paiva da editora Dark Side. Abaixo de cada tabela estão identificadas as deformações de suas respectivas traduções, em formato de lista alfabética.

Tabela 1: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olivia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
The drumbeat for this was usually performed on what had been the body of	O toque de tambor para essa dança era normalmente executado no que	“O toque de tambor se fazia no que fôra outrora o corpo de um inimigo. A pele	A percussão era geralmente executada no que fora o corpo de um

an enemy: the skin had been flayed and the belly stretched to form a drum, and the whole body acted as a sound box while throbbings came out of the open mouth – grotesque, but effective (BLOCH, 2014, n.p).	fora o corpo de um inimigo; tiravam-lhe a pele e esticavam-lhe a barriga de maneira a formar um tambor, o corpo todo constituindo a caixa de som, as vibrações a saírem pela boca aberta. Era grotesco — mas eficiente (BLOCH, 197-?, p. 8).	do ventre era o ponto de percussão do tambor, e o corpo servia de caixa de ressonância que vibrava através da bôca escancarada...” (BLOCH, 1961, p. 2).	inimigo; a pele tinha sido esfolada e a barriga era esticada para formar o tambor, e todo o corpo servia de caixa de ressonância para a batida que vibrava através da boca escancarada – grotesco, mas eficiente (BLOCH, 2013 p. 16).
---	--	---	---

a. Racionalização e destruição dos ritmos: a tradução de Olívia Krähenbuhl coloca ponto final na primeira frase e suprime o travessão; a de A. B. Pinheiro de Lemos coloca ponto e vírgula e muda posição do travessão; a de Anabela Paiva coloca ponto e vírgula.

b. Clarificação e alongamento: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, há a clarificação e alongamento da sentença “para essa dança”.

c. Racionalização e empobrecimento quantitativo: na tradução de Olívia Krähenbuhl, as expressões “*usually performed*” e “*the skin had been flayed*” foram suprimidas em um processo de racionalização do texto.

d. Destruição dos sistematismos textuais: por um processo de racionalização e clarificação, em uma tentativa de tornar o texto homogêneo, a tradução de Anabela Paiva traduz por “percussão” o termo “*drumbeat*” e modifica a sentença “*the whole body acted as a sound box while throbbings came out of the open mouth*” para “todo o corpo servia de caixa de ressonância para a batida que vibrava através da boca escancarada” em uma tentativa de deixar mais clara a imagem descrita pelo autor do original.

Tabela 2: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
Mothers sometimes are overly possessive, but not all children allow themselves to be possessed (BLOCH, 2014, n.p).	As mães são sempre extremamente possessivas, mas não são todos os filhos que se deixam possuir. (BLOCH, 197-?, p. 10).	As mães são às vezes, francamente dominadoras, mas nem tôdas as crianças se deixam dominar (BLOCH, 1961, p. 4).	As mães são às vezes dominadoras, mas nem todas as crianças se deixam dominar (BLOCH, 2013, p. 15).

a. Destruição das redes significantes subjacentes: A. B. Pinheiro de Lemos parece manter a ambiguidade semântica (sexual), ao traduzir “*to be possessed*” por “que se deixam possuir”, pois a relação entre a personagem de Norman e sua mãe possui, também, uma conotação sexual. As traduções de Olívia Krähenbuhl e Anabela Paiva não reproduzem essa conotação tão importante na obra ao utilizar a expressão “se deixam dominar”.

b. Clarificação: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, o uso de “filho” em vez da tradução literal “crianças” personaliza e clarifica a frase, explicitando a relação da mãe com a personagem.

Tabela 3: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
No escape anywhere, from the voice that throbbed, the voice that drummed into his ears like that of the Inca corpse in the book; the drum of the dead (BLOCH, 2014, n.p).	"Não havia escapatória em canto algum à voz que pulsava, que martelava seus ouvidos como o tambor dos incas do livro, o tambor do morto (BLOCH, 197-?, p. 11).	Fugir? Para onde fugir daquela voz vibrante, daquela voz que golpeava seus ouvidos como o tambor da barriga do inca, que golpeava em seus ouvidos como o tambor do morto? (BLOCH, 1961, p. 4 e 5).	Nenhuma fuga daquela voz vibrante, daquela voz que golpeava seus ouvidos como o tambor da barriga do inca; o tambor do morto (BLOCH, 2013, p. 20).

a. Empobrecimento quantitativo: por um processo de racionalização, as três traduções suprimiram a palavra “*corpse*”. A tradução de Olívia Krähenbuhl suprime a palavra “*anywhere*” ao modificar a pontuação.

b. Clarificação e alongamento: a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos alonga o texto, pois traduz “*no escape anywhere*” por “não havia escapatória em canto algum” ao tentar clarificar a sentença.

c. Destruição dos ritmos: a tradução de Olívia Krähenbuhl, em um processo de racionalização, modifica a pontuação do texto ao trocar uma vírgula e um ponto final por dois pontos de interrogação.

d. Racionalização e empobrecimento quantitativo: na tradução de Anabela Paiva “nenhuma fuga daquela voz vibrante”, há a supressão do verbo em um processo de racionalização.

Tabela 4: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
'You hate <i>people</i> . Because, really, you're <i>afraid</i> of them, aren't you? Always have been, ever since you were a little tyke. Rather snuggle up in a chair under the lamp and read. You did it thirty years ago, and you're still doing it now. Hiding away under the covers of a book.' (BLOCH, 2014, n.p).	O que você detesta mesmo é gente. E isso porque, na verdade, tem medo das pessoas, não é? Sempre teve, desde que era criança. Prefere aconchegar-se numa poltrona e ficar lendo o tempo todo. Você fazia isso há trinta anos e continua fazendo até hoje. Fica escondendo-se atrás da capa de um livro (BLOCH, 197-?, p. 11).	Você odeia as pessoas. Porque em verdade tem medo delas, não é? Sempre teve medo, desde pequeno. Melhor se enroscar numa cadeira debaixo da lâmpada e ler um livro. Já há trinta anos fazia isso e continua a fazê-lo. Vive escondido entre páginas de livros. (BLOCH, 1961, p. 5)	"Você odeia as pessoas. Porque, na verdade, você tem <i>medo</i> delas, não é? Sempre teve medo, desde pequeno. Melhor se enroscar numa cadeira debaixo de um abajur e ler um livro. Você fazia isso há trinta anos e continua fazendo agora: se esconder entre páginas de livros." (BLOCH, 2013, p. 11).

a. Destruição dos sistematismos textuais: as traduções de A. B. Pinheiro de Lemos e Olívia Krähenbuhl retiram as marcações dos itálicos do texto, em uma tentativa de tornar o texto mais homogêneo, mas, com isso, elidem marcas importantes do texto original; somente a tradução de Anabela Paiva mantém esses sinais tipográficos típicos da escrita do autor.

b. Alongamento: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, há o alongamento da palavra "mesmo" em "você detesta mesmo é gente"; esse termo não se faz necessário na tradução.

c. Empobrecimento quantitativo: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, há a supressão do termo "*under the lamp*".

d. Vulgarização: há a vulgarização na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos quando da tradução de "*people*" por "gente".

e. Empobrecimento qualitativo: existe empobrecimento qualitativo na tradução de Anabela Paiva da expressão "*under the lamp*" por "debaixo de um abajur", pois essa tradução não consegue demonstrar a imagem expressa no original

f. Destruição das locuções e idiomatismos: nas traduções de Olívia Krähenbuhl e Anabela Paiva, há a destruição da expressão idiomática "*under the*

covers of a book” ao traduzir por uma expressão idiomática no português “entre páginas de livros”.

Tabela 5: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A.B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
But who are you to say a person should be put away? I think perhaps all of us go a little crazy at times.’ (BLOCH, 2014, n.p).	"Mas quem é você para dizer que ela deveria ser internada? Afinal, creio que todos nós, de vez em quando, ficamos meio loucos (BLOCH, 197-?, p. 31).	E quem é a sra. para dizer que alguém deve ser mandado para o hospício? Não há quem não seja um pouco louco de vez em quando (BLOCH, 1961, p. 24).	E quem é você para dizer que alguém deve ser internado? Eu acho que todos nós somos um pouco loucos de vez em quando.” (BLOCH, 2013, p. 50).

a. Destruição dos sistematismos textuais e empobrecimento qualitativo: a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos ao traduzir o termo “*person*” por “ela” promove uma clarificação que deforma o texto, pois personifica uma citação geral, que é importante para o texto original.

b. Destruição dos ritmos: a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos destrói o ritmo do texto ao modificar a pontuação do texto original através da inserção de vírgulas.

c. Alongamento e enobrecimento: a tradução de Olívia Krähenbuhl alonga o texto ao incluir o termo “sra.”, que não está presente no original, em uma tentativa de elevar o discurso que no original é coloquial.

d. Racionalização: a tradução de Olívia Krähenbuhl deforma o texto quando traduz a expressão “*I think perhaps all of us go a little crazy at times*” pela forma negativa “não há quem não seja um pouco louco de vez em quando” em um processo de racionalização.

Tabela 6: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
The roar was deafening, and the room was beginning to steam up.	O barulho era ensurdecador e o banheiro começou a se encher de vapor.	O barulho da água ensurdecava e o quarto se enchia de vapor.	Não podia ouvir nada além do barulho da água, e o banheiro começou a

<p>That's why she didn't hear the door open, or note the sound of footsteps. And at first, when the shower curtains parted, the steam obscured the face. Then she <i>did</i> see it there – just a face, peering through the curtains, hanging in midair like a mask. A head-scarf concealed the hair and the glassy eyes stared inhumanly, but it wasn't a mask, it couldn't be. The skin had been powdered dead-white and two hectic spots of rouge centered on the cheekbones. It wasn't a mask. It was the face of a crazy old woman. Mary started to scream, and then the curtains parted further and a hand appeared, holding a butcher's knife. It was the knife that, a moment later, cut off her scream And her head. (BLOCH, 2014, n.p).</p>	<p>Foi por isso que ela não ouvia a porta se abrir nem percebeu os passos que avançavam pelo quarto. E quando as cortinas do boxe foram subitamente abertas, o vapor impediu que ela visse imediatamente o rosto. Mas não demorou a enxergá-lo - era apenas um rosto, a espiar por entre as cortinas, pairando no ar como se fosse uma máscara, não podia ser. A pele estava pálida como a morte de tanto pó-de-arroz e no rosto havia dois pontos corados de ruge. Não era uma máscara, infelizmente: era o rosto de uma velha louca. Mary começou a gritar. As cortinas se fecharam e logo voltaram a se abrir, empurradas por uma mão que segurava uma faca de açougueiro. E foi justamente a faca que, um momento depois, cortou o seu grito ao meio. E também a sua cabeça (BLOCH, 197-?, p. 35 e 36).</p>	<p>E assim não ouviu se abrir (<i>sic</i>) a porta, nem rumor de passos. A princípio, quando a cortina do chuveiro também se abriu, o vapor embaçou, aquele rosto. Então ela viu - não mais que um rosto, como uma máscara, a espiar pela cortina entreaberta. Um lenço escondia-lhe os cabelos. Os olhos vidrados fitavam-na, inumanos. Não era máscara, não podia ser. Uma camada de pó-de-arroz de um branco mortal tapava-lhe as feições, exceto as maçãs do rosto onde se concentravam duas rosas héticas de <i>rouge</i>. Não era máscara. Era o rosto insano de uma velha louca. Mary começou a gritar. Então a cortina se abriu totalmente e apareceu a mão empunhando uma faca de açougueiro. E foi a faca que pouco depois, decepou-lhe o grito. E a cabeça também (BLOCH, 1961, p. 28).</p>	<p>se encher de vapor. Foi por isso que não percebeu a porta abrir, nem o som de passos. Logo que as cortinas do chuveiro se abriram, o vapor obscureceu o rosto. Então ela viu – um rosto, espiando entre as cortinas, flutuando como uma máscara. Um lenço escondia os cabelos e os olhos vidrados a observavam, inumanos. Mas não era uma máscara, não podia ser. Uma camada de pó dava à pele uma brancura de cadáver; havia duas manchas de ruge nas maçãs do rosto. Não era uma máscara. Era o rosto de uma velha louca. Mary começou a gritar. A cortina se abriu mais e uma mão apareceu, empunhando uma faca de açougueiro. E foi a faca que, no momento seguinte, cortou o seu grito. E a sua cabeça (BLOCH, 2013, p. 54 e 55).</p>
--	---	--	---

a. Alongamento e clarificação: nas traduções de Olívia Krähenbuhl e Anabela Paiva, há o alongamento, em um processo de clarificação, em que as tradutoras colocaram no texto uma clarificação que não estava no original, a expressão “da água”.

b. Empobrecimento qualitativo: na tradução de Anabela Paiva, a expressão “*the roar was deafening*” foi traduzida por “não podia ouvir nada além do barulho da água”; tal tradução empobreceu qualitativamente o texto, pois forneceu uma imagem ao leitor que não está explícita no original, em um processo de racionalização.

c. Alongamento: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos há o acréscimo da palavra “subitamente”, que não está presente no original à expressão “*when the shower curtains parted*”.

d. Destruição dos sistematismos textuais: ocorre nas traduções de A. B. Pinheiro de Lemos e Olívia Krähenbuhl, cujas traduções da expressão “*Then she did see it there*”, na primeira a frase, modificam para a forma negativa em um processo de racionalização, e na segunda, suprimem o itálico da palavra “*did*” característico da escrita do autor, como foi feito na tradução de Anabela Paiva, na qual o verbo “viu” está em itálico.

e. Empobrecimento quantitativo: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, foi suprimida a frase “*a head-scarf concealed the hair and the glassy eyes stared inhumanly*”. Também foi suprimido o termo “*hectic*” nas traduções de A. B. Pinheiro de Lemos e Anabela Paiva.

f. Clarificação e alongamento: nas traduções de A. B. Pinheiro de Lemos e Olívia Krähenbuhl, é acrescentado o termo “pó-de-arroz” para clarificar o tipo de pó que é usado na face das pessoas para deixarem-nas brancas como a morte.

g. Destruição (ou a exotização) das redes de linguagem vernaculares: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, o termo “*rouge*”, que em francês significa vermelho, é traduzido como “ruge”, forma em que o estrangeirismo é aclimatado; e na tradução de Olívia Krähenbuhl a palavra aparece em itálico, uma clara exotização.

h. Destruição dos ritmos: na tradução de Olívia Krähenbuhl, o segundo e terceiro parágrafos em análise do original estão traduzidos em um único parágrafo, destruindo o ritmo do texto.

Tabela 7: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva

Maybe she was crazy, and a murderess, but she was all he had. All he wanted. All he needed. Just knowing she was here, beside him, as he went to sleep (BLOCH, 2014, n.p).	Talvez ela fosse mesmo louca e uma assassina, mas era tudo o que ele tinha no mundo. Tudo o que queria, tudo o de que precisava. Bastava saber que ela estava ali, a seu lado, na hora em que ia dormir... (BLOCH, 197-?, p. 54).	Talvez fôsse mesmo louca, e assassina — mas era tudo para êle. Tudo quanto desejava. Tudo o de que necessitava. E enquanto adormecia, bastava-lhe saber que ela estava a seu lado (BLOCH, 1961, p. 45).	Talvez fosse mesmo louca, e assassina, mas era tudo que tinha. Tudo o que desejava. Tudo de que necessitava. Bastava saber que ela estava ali, ao lado dele, enquanto adormecia (BLOCH, 2013, p. 85).
--	---	---	---

a. Alongamento e clarificação: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, há o acréscimo da expressão “no mundo”, em um processo de clarificação e alongamento, pois não está presente no original.

b. Destruição dos ritmos: na tradução de Olívia Krähenbuhl, há uma mudança de pontuação com o acréscimo do travessão e retirada da vírgula frase “— mas era tudo para ele”, que acaba por modificar o ritmo do texto.

c. Destruição dos sistematismos textuais: na tradução de Olívia Krähenbuhl, a expressão “*but she was all he had*” é traduzida por “mas era tudo para êle”, modificando profundamente a idéia do original, já que “tudo o que ele tinha” enfatiza sua solidão, enquanto que “tudo para ele” enfatiza sua carência.

d. Destruição das redes significantes subjacentes: as traduções de A. B. Pinheiro de Lemos, Olívia Krähenbuhl e Anabela Paiva da frase “*just knowing she was here, beside him, as he went to sleep*” não apontam para a alusão sexual do texto original.

Tabela 8: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
Funny, Sam told himself, how we take it for granted that we know all there is to know about another person, just because we see them frequently or because of some strong emotional tie (BLOCH, 2014, n.p).	É engraçado, disse Sam para si mesmo, mas nós partimos do pressuposto de que conhecemos tudo o que há para se conhecer a respeito de outra pessoa só porque a vemos freqüentemente ou porque existe algum	Engraçado, pensava Sam, como acreditamos conhecer completamente uma pessoa, só porque a vemos algumas vezes ou porque nos sentimos ligados a ela por um elo emotivo (BLOCH,	Engraçado, pensava Sam, como acreditamos saber tudo sobre uma pessoa só porque a vemos frequentemente ou porque temos uma forte ligação emocional com ela (BLOCH, 2013, p.

	laço emocional forte (BLOCH, 197-?, p. 70).	1961, p. 61).	114).
--	---	---------------	-------

a. Alongamento: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, a tradução do termo “*funny*”, com o acréscimo do verbo ser no presente “é engraçado”, configura um alongamento.

b. Destruição das locuções e idiomatismos: na tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, a expressão “*told himself*” por “disse para si mesmo” marca uma destruição do idiomatismo, pois essa expressão, como foi traduzida, não é utilizada em português. E nas traduções de Olívia Krähenbuhl e Anabela Paiva, ao traduzir a expressão “pensava Sam”, o idiomatismo desaparece. A mesma coisa acontece com a tradução do idiomatismo “*take it for granted*”, pois todas as traduções vertem essa expressão pelo seu significado geral em língua portuguesa.

c. Empobrecimento quantitativo: nas traduções de A. B. Pinheiro de Lemos e Olívia Krähenbuhl, há a supressão do termo “*strong*”.

Tabela 9: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A.B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
There are times when you must stop analyzing and depend on your emotions (BLOCH, 2014, n.p).	Há ocasiões em que se deve parar de analisar as coisas e basear-se apenas nas emoções (BLOCH, 197-?, p. 135).	Há ocasiões em que a gente tem que parar de pensar e ceder à emoção (BLOCH, 1961, p. 122).	Tem horas que precisamos parar de analisar e confiar nas nossas emoções (BLOCH, 2013, p. 210).

a. Vulgarização: na tradução de Anabela Paiva, há vulgarização ao traduzir a expressão “*there are times*” por “tem horas”.

b. Clarificação: nas traduções de Olívia Krähenbuhl e Anabela Paiva, há a clarificação ao traduzir a expressão “*you must stop analyzing*” por “a gente tem que para de pensar” e “precisamos parar de pensar”, respectivamente.

Tabela 10: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A. B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
Here Lila found	Lila ficou	Aí, parou, intrigada;	Tem horas que Lila

<p>herself pausing, puzzling, then peering in perplexity at the incongruous contents of Norman Bates's library. <i>A New Model of the Universe, The Extension of Consciousness. The Witch-Cult in Western Europe, Dimension and Being.</i> These were not the books of a small boy, and they were equally out of place in the home of a rural motel proprietor. She scanned the shelves rapidly. Abnormal psychology, occultism, theosophy. Translations of <i>Là Bas, Justine.</i> And here, on the bottom shelf, a nondescript assortment of untitled volumes, poorly bound. Lila pulled one out at random and opened it. The illustration that leaped out at her was almost pathologically pornographic (BLOCH, 2014, n.p).</p>	<p>desconcertada, perplexa, ao descobrir os livros da biblioteca de Norman Bates. <i>Um Novo Modelo do Universo, A Extensão da Consciência, O Culto da Feitiçaria na Europa Ocidental, Dimensão e Ser.</i> Não eram livros próprios de um garotinho e certamente estavam também deslocados na casa do proprietário de um pequeno motel do interior. Lila examinou rapidamente as prateleiras. Psicologia anormal, ocultismo, teosofia. Traduções de <i>Là Bas e Justine.</i> Na prateleira de baixo havia diversos livros sem título nas lombadas, pobremente encadernados. Lila tirou um ao acaso e abriu-o. A ilustração que surgiu diante dos seus olhos era quase que patologicamente pornográfica (BLOCH, 197-?, p. 137 e 138).</p>	<p>depois, perplexa, observou a composição incongruente da biblioteca de Bates. <i>Novo Modelo do Universo, A Extensão da Consciência, O Culto da Bruxaria na Europa Ocidental, Dimensão e Ser...</i> Nenhum era livro de criança, e estavam igualmente deslocados na casa do proprietário de um motel rural. Lila varejou as prateleiras. Psicologia de anormais, ocultismo, teosofia... Uma tradução de <i>Là-bas, Justine.</i> E bem ali, na bem de baixo, um sortimento indescritível de volumes sem títulos, mal encadernados. Puxou um ao acaso e o abriu. A figura que imediatamente lhe saltou à vista era quase patologicamente pornográfica (BLOCH, 1961, p. 124 e 125).</p>	<p>ficou intrigada e perplexa, contemplando a composição da biblioteca de Norman Bates. <i>Um Novo Modelo do Universo, A Extensão da Consciência, O Culto da Bruxaria na Europa Ocidental, Dimensão e Ser...</i> Estes não eram livros de um menino, e também pareciam deslocados na casa do proprietário de um motel rural. Lila vasculhou as prateleiras rapidamente. Psicologia anormal, ocultismo, teosofia... Uma tradução de <i>Là-Bas</i> – romance sobre satanismo de Joris-Karl Huysmans – e outra de <i>Justine</i>, uma das primeiras novelas do Marquês de Sade. E ali, na prateleira de baixo, um sortimento indistinto de volumes sem título, mal encadernados. Puxou um ao acaso e o abriu. A figura que saltou à vista era quase patologicamente pornográfica (BLOCH, 2013, p. 213 e 214).</p>
--	--	--	--

a. Vulgarização: na tradução de Anabele Paiva, a expressão “*here Lila found herself pausing, puzzling*” foi traduzida por “tem horas que Lila ficou intrigada e perplexa”, que é uma formulação mais informal do que aquela presente no texto original.

b. Destruição (ou a exotização) das redes de linguagem vernaculares: as três traduções optam por citar em português os livros da biblioteca de Norman Bates – “*A New Model of the Universe, The Extension of Consciousness. The Witch-Cult in Western Europe, Dimension and Being*”. Outro caso de exotização das redes de linguagem vernaculares é a manutenção em francês dos títulos dos romances “*Là Bas, Justine*”, do Marquês de Sade e de Joris-Karl Huysmans, respectivamente, como no original.

c. Clarificação e alongamento: na tradução de Anabele Paiva, o acréscimo das expressões “romance sobre satanismo de Joris-Karl Huysmans” e “uma das primeiras novelas do Marquês de Sade” utiliza a clarificação sobre o significado de “*Là Bas, Justine*”.

d. Empobrecimento quantitativo: nas traduções de Olívia Krähenbuhl e Anabela Paiva, há a supressão do substantivo “Lila”.

Tabela 11: trechos de *Psicose*, de Rober Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert Bloch	<i>Psicose</i>: tradução de A.B. Pinheiro de Lemos	<i>Psicose</i>: tradução de Olívia Krähenbuhl	<i>Psicose</i>: tradução de Anabela Paiva
Lila closed her mouth, but the scream continued. It was the insane scream of a hysterical woman, and it came from the throat of Norman Bates (BLOCH, 2014, n.p).	Lila fechou a boca, mas o grito continuou. Era o grito insano de uma mulher histérica e saía da garganta de Norman Bates (BLOCH, 197-?, p. 143).	Lila fechou a boca, mas o grito continuava. Era o grito insano de uma mulher histérica e provinha da goela de Bates (BLOCH, 1961, p. 129).	Lila fechou a boca, mas o grito continuava. Era o grito insano de uma mulher histérica, e saía da garganta de Norman Bates (BLOCH, 2013, p. 219).

a. Destruição dos ritmos: nas traduções de Olívia Krähenbuhl e Anabela Paiva, a versão de “*continued*” por “continuava” produz uma deformação, pois a mudança de conjugação verbal no português quebra com a sonoridade e ritmo do texto original.

b. Vulgarização: na tradução de Olívia Krähenbuhl, a versão do termo “*throat*” por “goela”, deixa o texto mais próximo da linguagem coloquial do que no original.

Tabela 12: trechos de *Psicose*, de Robert Bloch e suas traduções

<i>Psycho</i>, de Robert	<i>Psicose</i>: tradução	<i>Psicose</i>: tradução	<i>Psicose</i>: tradução
---------------------------------	---------------------------------	---------------------------------	---------------------------------

Bloch	de A. B. Pinheiro de Lemos	de Olívia Krähenbuhl	de Anabela Paiva
<p>Somewhere along about the time they finished with the swamp, the men who knocked over the bank at Fulton were captured down in Oklahoma. But the story rated less than half a column in the Fairvale Weekly Herald. Almost the entire front page was given over to the Bates case. AP and UP picked it up right away, and there was quite a bit about it on television. Some of the write-ups compared it to the Gein affair up north, a few years back. They worked up a sweat over the 'house of horror' and tried their damndest to make out that Norman Bates had been murdering motel visitors for years. They called for a complete investigation of every missing person case in the entire area for the past two decades, and urged that the entire swamp be drained to see if it would yield more bodies (BLOCH, 2014, n.p).</p>	<p>Na ocasião em que estavam terminando de dragar o pântano, os homens que haviam assaltado o banco em Fulton foram capturados em Oklahoma. Mas a história mereceu menos de meia coluna no <i>Weekly herald</i> de Fairvale. Quase que toda a primeira página foi dedicada ao caso Bates. A AP e a UPI transmitiram a notícia para todo o país e a televisão também tratou o caso. Algumas das reportagens compararam-no ao caso Gein, ocorrido alguns anos antes, mais ao norte. Fizeram o maior estardalhaço com a "casa dos horrores" e tentaram demonstrar que Norman Bates estava há anos assassinando visitantes do motel. Exigiram uma investigação completa de todos os casos de pessoas desaparecidas na região nas últimas décadas e insistiram para que todo o pântano fosse dragado, a fim de se verificar se não ocultava outros corpos (BLOCH, 197-?, p. 144).</p>	<p>Ao tempo em que davam por terminada a diligência no pântano, os assaltantes do Banco foram capturados em <i>Oklahoma</i>. A notícia foi dada em menos de meia coluna no <i>Weekly Herald</i>, de <i>Fairvale</i>. A primeira página foi quase toda dedicada ao caso Bates. A A. P. e a U. P. imediatamente se apoderaram dele, e muitas transmissões se fizeram na televisão. Alguns repórteres o compararam ao caso Gein, acontecido no norte alguns anos antes, e os ouvintes suavam à descrição daquela "casa de horror", onde diziam, Norman Bates vinha há tempos assassinando os hóspedes. Reclamavam uma completa investigação em torno de todas as pessoas desaparecidas naquela área durante as duas últimas décadas e insistiam na drenagem de todo o pântano a fim de averiguar se continha outros cadáveres (BLOCH, 1961, p. 130).</p>	<p>Quando terminaram com o pântano, os homens que tinham assaltado o banco de Fulton foram capturados em Oklahoma. Mas a notícia rendeu menos de meia coluna no <i>Weekly Herald</i> de Fairvale. A primeira página foi quase toda dedicada ao caso Bates. As agências de notícias Associated Press e United Press imediatamente entraram na história, e também saiu bastante na televisão. Alguns textos compararam a história ao caso Ed Gein,[1] ocorrido mais ao norte alguns anos antes. Eles se esmeraram na descrição daquela "casa dos horrores" e apostaram tudo na suposição de que Norman Bates vinha assassinando hóspedes há anos. Exigiram uma investigação completa de cada pessoa desaparecida naquela área durante as duas últimas décadas e insistiram na dragagem de todo o pântano, para ver se descobririam outros cadáveres (BLOCH, 2013, p. 223 e 224).</p>

a. Clarificação: nas traduções de A. B. Pinheiro de Lemos e Olívia Krähenbuhl, há uma clarificação da expressão “*Somewhere along about the time they finished with the swamp*” por meio das palavras “dragar” e “diligência”, que não se encontram no original.

b. Destruição (ou a exotização) das redes de linguagem vernaculares: em todas as traduções, há a exotização das redes de linguagem vernaculares, pois o nome do jornal é mantido em inglês em itálico “*Weekly herald* de Fairvale”, substituindo apenas o lugar da palavra “*Fairvale*”.

c. Alongamento e clarificação: na tradução de Anabela Paiva, as siglas “*AP and UP*” são traduzidas por “*Associated Press e United Press*”, que utiliza clarificação, alongamento e exotização das redes de linguagem vernaculares.

3.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na análise externa das traduções de *Psicose* de Robert Bloch, levando em consideração as informações disponíveis nos bancos de dados e da própria entrevista com os filhos de A. B. Pinheiro de Lemos, podemos perceber que as primeiras traduções de Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos datam do início da década de 1970. Em entrevista do livro de Benedetti e Sobral (2003), intitulada *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*, o tradutor afirmou que iniciou seus trabalhos profissionais em tradução a partir de 1972. Em entrevista realizada, neste trabalho de monografia, com os filhos do já falecido tradutor, foi disponibilizada uma foto que comprova que Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos tinha uma assinatura diferente de seu pai, também tradutor, José Alfredo Pinheiro de Lemos.

Por isso, de acordo com essa análise externa das traduções, provavelmente a tradução assinada por A. B. Pinheiro de Lemos data de meados da década de 1970; sendo, portanto, a primeira retradução para o português brasileiro do livro *Psycho*, vindo após a tradução primeira de Olívia Krähenbuhl e antes da segunda retradução de Anabela Paiva.

Na análise interna, por sua vez, percebemos que, das treze deformações estabelecidas por Berman (2012), quase todas foram identificadas. Observamos ainda, que a tradução de Olívia Krähenbuhl, em um processo de racionalização,

tende a modificar o texto, reestruturando sentenças e modificando a pontuação a fim de tornar o texto original mais próximo das construções da língua portuguesa, para não causar estranhamento ao leitor, que em primeira instância, tem contato com o texto de *Psycho* de Bloch (1959). A tradução de A. B. Pinheiro de Lemos tende a alongar o texto original, em um processo de racionalização, para clarificar no texto em português o sentido intentado por Bloch e para reduzir o estranhamento para o leitor, além de utilizar uma linguagem e ortografia antiga e datada, como acontece com a tradução de Olívia Krähenbuhl.

Neste contexto, o texto de Anabela Paiva se assemelha à descrição que Berman (2012) dá à tradução literal. Pois o texto apresenta mais maturidade, tende a alongar e clarificar menos que as traduções já citadas; e, em muitos momentos, percebe-se uma semelhança com a tradução de Olívia Krähenbuhl, haja vista que Anabela Paiva, em entrevista com Lange e Menon (2018), publicada no artigo “Manifestação e ambientação do insólito ficcional em *Psicose*, de Robert Bloch”, afirmou que teve contato com a tradução de Olívia Krähenbuhl.

Em razão disso, com relação à análise interna, diferentemente da externa, estamos diante de duas traduções primeiras: a tradução de Olívia Krähenbuhl e a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. A tradução publicada em 1961 é, de fato, a primeira tradução em língua portuguesa de *Psicose*. Embora tenha sido, provavelmente, publicada no início dos anos de 1970, como procuramos defender ao longo desta pesquisa, a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos apresenta características de uma tradução primeira, porque o tradutor não parece ter tido contato com a tradução de Olívia Krähenbuhl e, por isso, não pode ser considerada uma retradução, no sentido dado a esse termo por Berman, que pressupõe a mediação da tradução por uma anteriormente realizada. A única tradução de *Psicose* que pode ser definida pelo conceito de retradução de Berman é a de Anabela Paiva, que, além disso, também se aproxima de seu conceito de tradução literal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise realizada, pretende-se propor uma hipótese a respeito da sequência cronológica das traduções de *Psicose*, de Robert Bloch, para o português. A primeira edição da tradução de Olívia Krähenbuhl é de 1961, portanto, imediatamente depois do lançamento do filme homônimo de Alfred Hitchcock. A segunda edição da mesma tradução é aquela de 1964.

Independentemente da data exata de publicação da tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, é possível supor que a tradução de Olívia Krähenbuhl seja a tradução primeira. Isso se deve a dois motivos principais, um externo e outro interno à própria tradução. Quanto ao motivo externo, por meio de investigação tem-se conhecimento de que A. B. Pinheiro de Lemos só iniciou seu trabalho como tradutor a partir do ano de 1972, quando deixou seu trabalho como publicitário e iniciou seu trabalho como tradutor.

Quanto ao motivo interno, a análise mostrou que a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos possui uma linguagem mais antiga e formal, com uma ortografia que não é mais utilizada, que tende a clarificar e a alongar o texto original; enquanto que a tradução de Anabela Paiva possui uma tendência à domesticação, para que o texto fique mais próximo da linguagem utilizada na década atual. Segundo Venuti (2012), a tradução primeira tende a domesticar o texto de partida, a fim de que a escrita de um autor desconhecido do público-alvo não provoque estranhamento, mas seja aceita e lida por ele. Assim, propõe-se a hipótese de que a retradução de A. B. Pinheiro de Lemos é a segunda, e a tradução de Olívia Krähenbuhl é a tradução primeira.

As traduções para o português de *Psicose* de Robert Bloch foram um reflexo do sucesso do filme de Hitchcock, pois a primeira delas, da tradutora Olívia Krähenbuhl, foi publicada pela editora *Best Seller* em 1961 e novamente em 1964 em uma segunda edição. A tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, pela editora Record, apesar de não possuir data de publicação, provavelmente é de meados dos anos 1970, pois o tradutor somente se dedicou a essa profissão a partir do ano do início dos anos de 1970; tal inferência só foi possível com a entrevista realizada

neste trabalho dos filhos do tradutor já falecido, pois foi possível saber a partir de quando A. B. Pinheiro de Lemos se dedicou à prática tradutória e, também, saber que o seu pai era tradutor, mas os seus trabalhos eram assinados Pinheiro de Lemos, diferente da assinatura de *Psicose* da editora Record.

Finalmente, a tradução mais recente do livro de Bloch pela editora *Darkside Books*, foi realizada pela tradutora Anabela Paiva. Em entrevista no artigo de Carla Helena Lange e Mirian Ruffini, intitulado “*Psicose: história e análise descritivista de duas traduções para o português brasileiro*”, Anabela Paiva afirma que teve contato, apenas, com a primeira tradução, de Olivia Krähenbuhl, antes de realizar o seu trabalho.

A data de publicação das traduções aqui analisadas de *Psicose* foi importante, pois Antoine Berman trabalha com os termos tradução primeira e retraduições. Nesse caso, a tradução de Olivia Krähenbuhl foi a tradução primeira e as outras duas foram retraduições. Houve, também, uma análise da interdependência dessas traduções, para constatar se o paralelo entre tradução literal e retradução, traçado por Berman, em que as traduções literais são obrigatoriamente retraduições, como um sinal de uma relação amadurecida com a língua materna, ocorre.

Realizada a análise de trechos das três traduções em português de *Psicose* de Robert Bloch a partir das tendências deformadoras apontadas por Antoine Berman, foi possível perceber que essas tendências acontecem constantemente nas traduções, pois os tradutores, mesmo inconscientemente, tendem a uma tradução racional e homogênea, que acaba por destruir os sistematismos textuais.

Percebeu-se, ainda que a tradução de Anabela Paiva é a que menos deforma o texto original, sendo portanto a mais próxima do que Berman (2012) chama de tradução literal. Além disso, a tradução de Anabela Paiva se assemelha à tradução de Olívia Krähenbuhl, mais do que à tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Embora também seja anterior à de Anabela Paiva, essa tradução não serve de mediação para a retradução realizada por ela. A respeito da relação entre as traduções de Olívia Krähenbuhl e de A. B. Pinheiro de Lemos, não é possível determinar com segurança qual foi realizada anteriormente.

Além disso, essas duas traduções não parecem ter servido de mediação uma para a outra, pois suas escolhas são independentes. Nesse sentido, é possível afirmar que a A. B. Pinheiro de Lemos permaneceu marginalizada em relação às demais não só do ponto de vista tradutório – já que não é utilizada como mediação pela retradução de Anabela Paiva, ao contrário da tradução de Olívia Krähenbuhl –, mas também do ponto de vista crítico – já que não é analisada pelo artigo sobre as traduções de *Psicose* para o português, realizado por Carla Helena Lange e Mirian Ruffini.

REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 242 p.
- BENEDETTI, Ivone Castilho; SOBRAL, Adail (orgs.). **Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 214.p.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Florianópolis: Copiart, 2012. 198 p.
- BLOCH, Robert. **Psicose**. Estados Unidos da América: Simon & Schuster, 1959.
- _____. **Psicose**. The Murder Room, 2014. 704 p.
- _____. **Psicose**. Tradução de Anabela Paiva. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2013. 240 p.
- _____. **Psicose**. Tradução de Anabela Paiva. Darkside Books, 2015. 174 p.
- _____. **Psicose**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, s.d. 152 p.
- _____. **Psicose**. Tradução de Olivia Krähenbuhl. São Paulo: Exilado - Importadora de Livros S. A., 1961. p.
- CALDWELL, Taylor. **Os Capitães e os Reis**: a história de uma dinastia americana. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- KNEBEL, Fletcher. **O candidato**. Tradução de Alfredo Barcelos Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- FORSYTH, Frederick. **O dia do chacal**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1971.
- KRÄHENBÜHL, Olívia. Duplo aspecto da tradução. **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 3 set. 1944, página 1 e 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&PagFis=22330&Pesq=>>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- LANGE, Carla Helena; MENON, Mauricio César. Manifestação e ambientação do insólito ficcional em *Psicose*, de Robert Bloch. **Téssera**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 110-125, 2018.
- LANGE, Carla Helena; RUFFINI, Mirian. *Psicose*: história e análise descritivista de duas traduções para o português brasileiro. **Revista Letras Raras**, Paraná, v. 7, n.

1, 2018.

NABOKOV, Vladimir. **Desespero**. Tradução de Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1966.

SEGAL, Erich. **Love story**: Uma história de amor. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. São Paulo: Abril, 1970. 192 p.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Florianópolis: EDUSC, 2012.

APÊNDICE 1 – Primeira parte da entrevista sobre o tradutor A. B. Pinheiro de Lemos

(Entrevista sobre o tradutor A. B. Pinheiro de Lemos, enviada por e-mail no dia 29 de abril de 2019 por Daniel Padilha Pacheco da Costa e Lorena Vasquez Pereira, e respondida por Alfredo Lemos no dia 2 de maio de 2019).

O nosso interesse pela carreira do tradutor A. B. Pinheiro de Lemos se deve à sua significativa produção tradutória que, de acordo com nossa pesquisa preliminar, estendeu-se por mais de quatro décadas, desde meados da década de 1970 até meados da década de 2000. No entanto, não fomos capazes de encontrar praticamente nenhuma informação sobre o tradutor, a não ser as data de nascimento e falecimento (1938-2008), das quais, inclusive, não temos confirmação.

A nosso ver, esse importante tradutor parece ter sofrido um processo de invisibilização que, abatendo-se sobre a área da tradução de um modo geral, costuma atingir a maior parte dos tradutores no Brasil. Um dos principais objetivos da pesquisa é contribuir para combater esse processo e lançar luz sobre a carreira de um dos mais ativos tradutores da segunda metade do século XX.

Essa entrevista foi elaborada pelo Prof. Daniel Padilha Pacheco da Costa e pela aluna Lorena Vasquez Pereira. Ela se destina, sobretudo, a oferecer subsídios à pesquisa de monografia para conclusão do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Essa entrevista não precisa ser inteiramente respondida, caso nenhum de você disponha de informações sobre uma ou algumas das questões colocadas. As questões visam apenas a explicitar algumas das questões que nos interessam na pesquisa de monografia.

I. Perguntas gerais sobre os entrevistados

(Gostaríamos de conhecer os dados pessoais e profissionais dos entrevistados, a fim de atribuir os créditos da entrevista, cujas informações serão inseridas na referida pesquisa de monografia).

2. Qual é seu nome completo?

Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos Filho

3. Em que cidade reside?

Petrópolis, RJ

4. Qual atividade profissional desenvolve e onde trabalha atualmente?

Engenheiro e professor universitário. GE e Estácio.

5. Qual seu grau de parentesco com A. B. Pinheiro de Lemos?

Filho

6. Qual seu grau seu grau de conhecimento sobre a atividades profissionais de A. B. Pinheiro de Lemos?

Conheço bastante.

II. Perguntas gerais sobre o percurso profissional de A. B. Pinheiro de Lemos

(Nossa pesquisa dedica uma significativa atenção à experiência profissional de A. B. Pinheiro de Lemos, especialmente sua significativa carreira como tradutor profissional de diversas editoras).

1. Em que cidade A. B. Pinheiro de Lemos nasceu? Qual era a atividade profissional dos seus pais?

Rio de Janeiro. Seu pai era jornalista e tradutor, assinava Pinheiro de Lemos. Sua mãe era do lar.

2. Qual foi sua formação? (Por ex.: teve formação universitária? Em que área? Quando?)

Bacharel em direito, não tenho certeza de quando se formou

3. Como ocorreu seu aprendizado do inglês e seu interesse pela literatura em língua inglesa?

Meu pai foi autodidata no aprendizado da língua inglesa e dizia que para traduzir era primordial conhecer a língua portuguesa muito bem.

4. Quando e por que A. B. Pinheiro de Lemos passou a se interessar por tradução? (Alguma influência familiar? Na escola? Por amigos? Ou seu interesse não surgiu de nenhuma influência?)

Meu pai iniciou a carreira como jornalista. Depois, concomitantemente ao Jornalismo ele começou a trabalhar em publicidade (década de sessenta, era uma novidade).

Na área publicitária e tendo algumas dificuldades em momento de sua vida, por influência paterna voltou a traduzir.

5. Quais foram seus primeiros contatos com o trabalho de tradução? Houve trabalhos anteriores às suas traduções publicadas por Editoras?

Começou trabalhando para a editora Record e depois trabalhou com várias outras.

2. Ele teve dificuldades para se inserir no mercado editorial de tradução? Qual era a sua visão sobre a falta de reconhecimento que muitos tradutores ainda têm frente às suas produções?

Nunca faltou serviço e geralmente os best sellers e livros de grande apelo ou que precisavam de tradução rápida para aproveitar momentos favoráveis de mercado eram direcionados para ele.

3. Quais foram os primeiros livros que A. B. Pinheiro de Lemos traduziu? Em que momento aproximadamente e para qual (is) Editora (s), em particular?

Não sei quais foram as primeiras obras, mas como disse acima começou na Record, mas também fez traduções para Nova Fronteira, Rocco, onde assinava como Alfredo Barcellos, e outras.

Alguns autores que meu pai traduziu: John Steinbeck, Frederick Forsyth, Morris West, Ken Follett, Irving Stone, Herman Melville, Sidney Sheldon, Taylor Caldwell, John Updike, David Seltzer, Robert Harris, Martin Cruz Smith, John

Gardner, John Milius, Irving Wallace, Peter Straub, Raymond Chandler, Robert Ludlum, Scott Turow, Harold Robins, Alan Hynd, John Le Carré, Joseph Heller, Mark Arnold-Forster, Richard Collier, James A. Michener e outros.

Com o Sidney Sheldon houve uma história interessante. Impressionado com a eficiência da tradução de suas obras no Brasil (muitas vezes eram publicadas junto com as originais americanas), quando aqui estive, quis conhecê-lo. Ficou fascinado com o fato de apesar de conhecer tão bem o idioma inglês, não falava nada!

Outro, Raymond Chandler, a quem ele particularmente nutria uma simpatia pelas obras e adorava as gírias que o autor usava.

4. Segundo nossa pesquisa preliminar, algumas das mais antigas traduções realizadas por A. B. Pinheiro de Lemos foram realizadas em meados da década de 1970. Há traduções anteriores a esse período? Quais?

O início foi na juventude ajudando o pai e com isso melhorando sua mesada. Existem inclusive algumas obras em que assinaram a tradução juntos: Pinheiro de Lemos e A.B. Pinheiro de Lemos

5. As traduções de A. B. Pinheiro de Lemos que foram publicadas foram mantidas na família?

Sim, temos ainda várias obras traduzidas por meu pai conosco.

6. Além das traduções, A. B. Pinheiro de Lemos chegou a produzir algum outro livro ou produção literária?

Meu pai escrevia também, mas nunca publicou.

III. Perguntas sobre a tradução de *Psycho*, de R. Bloch, por A. B. Pinheiro de Lemos

(Além da produção tradutória em geral de A. B. Pinheiro de Lemos, estamos dedicando uma atenção particular à sua tradução de *Psycho* (Psicose), de Robert Bloch. O texto original foi publicado em 1959 pela Editora Simon and Schuster, de New York).

1. No entanto, em nenhuma das edições disponíveis dessa tradução, publicada pela Editora Record (Rio de Janeiro), consta a data de publicação. Saberia informar a data aproximada de publicação dessa tradução?

Na edição que tenho também não consta a data de publicação.

2. O que o motivou a traduzir *Psicose*, de Robert Bloch? (Um encargo por parte da editora ou uma iniciativa individual? Ele já conhecia o autor e essa obra ou só teve contato a partir do filme homônimo de Hitchcock?)

Provavelmente um encargo da editora

3. Foi necessário fazer alguma pesquisa antes de iniciar a tradução?

Acredito que não, meu pai lia muito e com isso tinha uma cultura geral bem ampla.

4. Há algum exemplar da tradução de *Psicose* na biblioteca da família com informações anotadas?

Nenhuma anotação, ele geralmente traduzia direto nas laudas, escrevendo direto na máquina de escrever.

5. Saberia oferecer alguma informação específica sobre o trabalho de tradução de *Psicose* por A. B. Pinheiro de Lemos?

Nada registrado.

Apêndice 2 – Segunda parte da entrevista sobre o tradutor A. B. Pinheiro de Lemos

(E-mail enviado por Daniel Padilha Pacheco da Costa e Lorena Vasquez Pereira, no dia 3 de maio de 2019)

A tradução de Desespero, de Nabokov, que é assinada Pinheiro de Lemos publicada em 1966 é, portanto, trabalho do seu avô, não do seu pai certo?

Para ajudar nesse trabalho de distinção entre os dois tradutores, você teria uma ideia aproximada sobre o período em que se estende a atividade profissional de cada um dos dois, pai e filho?

De acordo com nossa pesquisa, seu pai, A. B. Pinheiro de Lemos começa a publicar suas traduções em meados da década de 1970, com obras como Tubarão. Você tem conhecimento sobre traduções anteriores a esse período?

Devemos confessar que não encontramos nenhuma tradução em que os dois assinam juntos. Você saberia indicar alguns desses exemplos, juntamente com suas respectivas datas?

(Resposta de Alfredo Lemos, enviada dia 5 de maio de 2019)

Caros Daniel e Lorena,

Exatamente, como você afirmou são duas pessoas distintas, nosso pai Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos e o pai dele, José Alfredo Pinheiro de Lemos. Este formou-se como advogado e foi Juiz no interior da Bahia. Homem de letras, largou a Magistratura e veio ainda muito jovem para o Rio de Janeiro, trabalhar como jornalista no Jornal O Globo, onde permaneceu durante décadas até aposentar-se no final dos anos 60. Sempre ligado a grupos literários, tinha paixão pela tradução de grandes clássicos, atividade que exercia paralelamente ao seu trabalho no Jornal, que fez despertar o interesse em meu pai. Após sua aposentadoria como jornalista, passou a exercer atividade profissionalmente, o que fez até o seu falecimento em agosto de 1978.

De tal sorte que, efetivamente *Desespero*, de Nabokov e provavelmente *Psicose*, de Robert Bloch (final dos anos 50) foram traduzidos pelo meu avô, que assinava Pinheiro de Lemos, quase sempre editadas pela Editora Record do Alfredo Machado.

Não deve ser difícil a vocês distinguir o trabalho deles. Meu pai, salvo engano meu, deve ter bastantes revistas Readers Digest traduzidas por ele na década de 50. Se assinava, era sempre A.B. Pinheiro de Lemos, e depois, a partir de 1972, até o seu falecimento em 2008, bastantes obras assinadas como A. B. Pinheiro de Lemos, Alfredo Barcellos, e muito no final, em algumas editoras, assinou como Pinheiro de Lemos.

Meu avô, obras traduzidas sempre assinadas com Pinheiro de Lemos, durante décadas, mas com mais intensidade no período entre a sua aposentadoria até sua morte.

Segue anexo exemplo de uma tradução feita pelos dois em conjunto.

Não hesitem em nos solicitar mais informações se forem necessárias.

Podem enviar as cópias eletrônicas, estamos todos em cópia.